

UFRGS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADORA: PROF. CYBELE CROSSETTI DE ALMEIDA

JOANA D'ARC NA PEÇA HENRIQUE VI, DE SHAKESPEARE

Aluno: JOSÉ ALFREDO RODRIGUES

Cartão UFRGS: 69595

Matrícula: 1280/90-0

PORTO ALEGRE

2008

Dedico esta obra à memória de Joana d'Arc, que afinal é também o objeto deste estudo. A guerreira inspirada, que afirmou nunca ter matado ninguém, apesar de enfrentar diversas batalhas, e que afinal foi tornada santa pela Igreja Católica, e co-patrona da França.

Dedico também à minha família, minha esposa e meu filho, que têm suportado bem esta minha graduação temporã nos estudos superiores. Também à minha maninha, a qual não sei se imaginou que teria um irmão estudante de História, quando fui concebido, há tantos anos atrás.

AGRADECIMENTOS

Sou triplamente devedor de gratidão à Prof. Cybele Crossetti de Almeida. Por ela ter se disposto a oferecer as disciplinas de Seminário de Estudos Medievais, na graduação de História, da UFRGS, da qual este estudo é fruto. Pelas valiosas dicas neste trabalho. Pela disposição de ser minha orientadora neste trabalho de conclusão do curso.

Gostaria de agradecer também ao Prof. César Guazzelli, que ofereceu a disciplina de Projeto de Pesquisa Histórica, alguns anos atrás.

Gostaria, por fim, de agradecer aos colegas e às colegas, que trouxeram idéias, compartilharam pontos de vista, enfim, enriqueceram minha mente com mais conhecimento histórico e compartilhamento de experiências.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	vi
METODOLOGIA.....	7
HISTÓRIA E FICÇÃO.....	8
JOANA D'ARC, HISTÓRIA E LENDA.....	14
SHAKESPEARE E A PEÇA 1 HENRIQUE VI.....	19
JOANA E JOANA.....	21
CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
FILMOGRAFIA.....	29

• INTRODUÇÃO

Este estudo resulta de uma série de Seminários de Estudos Medievais, realizados pela professora Cybele Crossetti, no Curso de História, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, focados na figura de Joana d'Arc, a mulher que um dia liderou o exército francês, durante a Guerra dos Cem Anos, num momento em que uma vitória final nesta guerra talvez estivesse mais possível para o exército inglês. Joana d'Arc é uma figura de relevo histórico e cultural importante. Mary Gordon vai além e diz que a figura de Joana é conhecida no mundo inteiro, lembrando que mesmo a primeira-ministra indiana Indira Gandhi, quando criança, brincava de ser Joana d'Arc (Gordon, 2001, p.11).

Dentro desses seminários, uma das possibilidades de pesquisa que se abriu foi o da análise de Joana d'Arc, tal qual exposta na primeira parte da peça Henrique VI, de William Shakespeare. Nesta peça, Joana é uma personagem má, espécie de feiticeira e devassa. O contrário do que se está acostumado a ver na "imagem canônica" de Joana d'Arc. Esta monografia explora esta possibilidade.

Fazer comparação de personagens históricos, que são utilizados em obras de ficção, tal qual esta peça de Shakespeare, é um trabalho que demandaria uma multidisciplinariedade, onde além de historiadores, pudessem dar seu parecer críticos literários, críticos teatrais, atores, toda uma gama de estudiosos que muito poderiam enriquecer o debate com seus pontos de vista.

Embora esta monografia não seja este trabalho multidisciplinar mencionado acima, é mais um trabalho a colaborar com os estudos sobre Joana d'Arc, e também sobre Shakespeare.

○ **METODOLOGIA**

Estudamos o contexto da peça Henrique VI, mas nos atendo mais à crítica interna, do que à externa (1), pois era mais parte do recorte do trabalho pensar na personagem em si, do que no contexto completo da obra teatral criada. Em todo caso, este aspecto não pode ser desprezado, para a continuação de estudos sobre Joana d'Arc, e particularmente sobre Joana d'Arc em Henrique VI.

Para a leitura do texto da primeira parte de Henrique VI, foram utilizadas a versão em português traduzida por Oscar Mendes e publicada pela Nova Aguilar, com consultas ao texto em inglês da Editora da Universidade de Oxford. Foram lidas biografias, verbetes em dicionários eletrônicos, já que a Internet oferece um manancial inesgotável de estudos sobre Joana d'Arc e Shakespeare, de maneira que muito do que possa ser consultado, ainda será pouco diante do material disponível.

Como foi dito, contribuíram muito, e esta análise é resultado dos estudos realizados em seminários de História Medieval. As discussões em aula, os filmes vistos, a exposição de estudos foram fundamentais para o encaminhamento deste trabalho.

NOTAS:

1) Na Renascença, a crítica a textos antigos teve a sua gênese como prática formal. Lourenço Valla fez uma crítica ao documento conhecido como "Doação de Constantino", pelo qual a Igreja Católica justificava a posse sobre extensos territórios na península italiana. Nos dias de hoje, podemos afirmar que Valla fez uma perícia nos tais documentos. Desde então esta técnica tem sido aplicada à manuscritos antigos, como os textos mais antigos conhecidos de Platão ou Aristóteles, e mesmo aos manuscritos da Bíblia. Por esta técnica, a crítica externa avalia as condições e autenticidade do documento avaliado, enquanto a crítica interna avalia o conteúdo analisando o contexto, e comparando os textos de dois manuscritos do mesmo texto, ou duas versões do mesmo texto.

- **HISTÓRIA E FICÇÃO**

História como "ciência" existe desde o século XIX, quando em consequência do Iluminismo e do ambiente de progresso de então, se estabeleceram bases teóricas para que um trabalho fosse definido como "de História". E estas bases teóricas acabaram estabelecidas pelo alemão Leopold Ranke, e pelos chamados positivistas franceses, cujo exemplo mais ilustrativo é o famoso Manual de Introdução do Estudo de História, dos franceses Langlois e Seignobos.

Mas também chamamos Heródoto, que viveu na Grécia Antiga, de "pai da História", bem como dizemos que Tucídides, outro grego que viveu na Antigüidade, foi um historiador. O que fizeram tais homens para serem expoentes de uma ciência que tecnicamente ainda nem havia sido inventada? Escreveram sobre coisas que viveram, sobre coisas que se lembravam, com bastante verossimilhança com a realidade. E, na prática, começaram a registrar a "História".

Sabemos que a escrita surgiu com outros povos, e normalmente os primeiros contatos que um estudante tem com a disciplina História, começa com as sociedades do chamado "Crescente Fértil", o Egito Antigo surgido às margens do rio Nilo, na África, e as civilizações que surgiram na Mesopotâmia, a região entre os rios Tigre e Eufrates, na Ásia, onde hoje está localizado o Iraque. Mas os registros escritos deixados por estes povos não costumam ser chamados de História. Ou são registros contábeis (terras, grãos, gado, ...), ou são panegíricos, em que soberanos exaltam a si próprios. Heródoto, ou Tucídides, não eram reis. Não tinham interesse de engrandecerem a si próprios, ou pelo menos não se engrandecerem mais que os reis ou generais sobre os quais narravam, mas queriam contar a outros homens o que tinha acontecido quando eles viveram. Também é certo que eles não contaram absolutamente tudo, da exata maneira que aconteceu, mas eles tinham um certo compromisso com a verossimilhança. É possível que aquele que escreve História se engane, ou mesmo minta em parte, mas não se concebe que a obra histórica seja totalmente falsa.

Por outro lado, ficção é apenas a fantasia de quem escreve. No caso da ficção não há compromisso com a verdade factual. O ficcionista escreve para diversão dos outros, ou mesmo para tornar mais rica uma vida enfadonha. Na ficção tudo pode acontecer. Até o que é

praticamente impossível na chamada realidade.

Mas a ficção, às vezes, tem a sua base real. Pégasus, o cavalo alado da mitologia grega, existiu como ficção, porque existem cavalos, e existem pássaros. É fácil, para um ser humano, imaginar um ser que seja um híbrido de um cavalo com um pássaro, um cavalo voador.

Mas é nesse contato com a realidade que a Ficção pode tocar a História. Já foram escritos inúmeros livros sobre Júlio César, o Conquistador da Gália. A começar por alguns autores romanos. Alguns destes livros se querem históricos. Outros se têm por ficção. Mas esta ficção procura uma base na História. É possível saber muitas coisas a respeito do Júlio César histórico. Ele mesmo escreveu livros sobre sua campanha na Gália, e suas lutas nas guerras civis romanas. Autores romanos deixaram informações sobre ele. Mas como faríamos para preencher os vazios, quando fôssemos criar uma série para a televisão, como fizeram recentemente a BBC britânica associada à HBO norte-americana? É óbvio. É necessário inventar. Criar. O que pode significar, no extremo, mentir, falsificar. Mas dificilmente alguém ficaria ofendido com este tipo de mentira ou falsificação. Numa recriação destas, os artistas estão citando a verdade possível, e juntando a esta uma ficção também possível. A Roma representada na série da BBC-HBO é factível? Provavelmente sim. Tudo o que está lá é verdadeiro? Obviamente que não. É uma recriação histórica, mas é uma obra de ficção. Ela contou com o apoio e consultoria de historiadores (que inclusive comentam sobre a Roma Antiga, no material fornecido de bônus sobre como a série foi produzida). E esta recriação histórica torna muito verossímil a Roma das telas. Mas aí está o detalhe interessante que mereceria ser melhor matizado. A Roma da série é verossímil, porque ela foi baseada na interpretação que os historiadores de hoje em dia têm sobre como foi a Roma Antiga. Ou seja, a série de TV reflete o entendimento atual que os historiadores têm de Roma.

Historicamente, segundo Luiz Costa Lima (Lima, 2006), a poesia precede a história. Mas ambas se preocupam em que os feitos dos homens não sejam esquecidos. Claro, a poesia neste caso é assemelhada à ficção, e como esta, não tem compromisso com a verossimilhança. Nas palavras do próprio Costa Lima, "A diferença aponta para dois princípios bastante heterogêneos: a fábula (mythos) de cujas voltas dependia o direito à glória dos protagonistas versus o relato declarador do que houve. Em ambos os casos, é patente o propósito comum de

vencer o intolerável filho do tempo, lethe, o esquecimento do que os homens fizeram. Os meios, isto é, a modalidade discursiva com que trabalham os autores, contudo, não se equivalem." (Lima, 2006, p. 106). Homero, em seus poemas tem por meta a glorificação dos guerreiros gregos, e o não esquecimento deles. A *Ilíada* está cheia de incongruências se vista pela ótica de um historiador? Certamente. Mas não era intenção do poeta dar detalhes "verdadeiros" de como foram as batalhas, como era o acampamento dos gregos, o que acontecia em Tróia. Ele queria glorificar os heróis. Para isso usou de floreios, rebuscou o vocabulário, trabalhou possíveis rimas que facilitassem a lembrança. Quando enfeitou o texto, Homero falseou a história? Provavelmente não. Utilizando novamente a obra de Costa Lima: "o poeta nunca afirma e, por isso, nunca mente" (Sidney, 1595, *An Apology for Poetry* apud Lima, 2006, p. 155). Sua idéia não era a verossimilhança, mas o resguardo de alguma memória.

Nesta busca da glorificação, e também de humanização dos homens, história e ficção podem andar juntas. Tomemos o caso de duas obras constantes de nossa bibliografia, a biografia de Joana d'Arc escrita por Victoria Sackville-West (Sackville-West, 1994), e a obra infanto-juvenil do escritor brasileiro Érico Veríssimo (Veríssimo, 1978). Sackville-West escreveu uma obra biográfica, possivelmente consultando edições dos processos que resultaram na condenação e posterior reabilitação de Joana, além das crônicas da Baixa Idade Média que falavam na "Donzela de Orléans". Uma biografia que eu chamaria de "didática", ou, uma biografia como se esperaria que uma biografia fosse escrita no início do século XX(1).

Já a obra de Érico Veríssimo é um romance infanto-juvenil, uma peça de ficção. Mas certamente Veríssimo pesquisou sobre a vida de Joana d'Arc para escrever seu livro. Entretanto é uma obra de ficção. Se alguma inconsistência fosse encontrada ali, de maneira nenhuma se deveria reclamar ao autor este "erro". Mas temos a tendência de achar que uma obra de ficção, baseada em fatos reais, digamos assim, deve ser verdadeira em cada detalhe que possa ser conferido com a chamada verdade histórica. Júlio Pimentel Pinto cita um exemplo curioso sobre o escrito argentino Tomás Eloy Martínez: "Tampouco é possível confiar nas informações de uma obra ficcional; existem documentos melhores para construir um painel histórico. Aqui também há um exemplo interessante. Tomás Eloy Martínez, autor de romances históricos, conta que um importante jornal argentino construiu uma cronologia

dos itinerários do cadáver de Evita Perón a partir de informações de seu romance Santa Evita. Só que estes eram inventadas... " (Pinto, 2007). Ou seja, não confie numa obra de ficção para saber da verdade histórica, pois a obra de ficção não foi feita para isso. Mas a obra citada de Veríssimo contém muito do que se tem como a história de Joana d'Arc. No caso destas duas obras de nossa bibliografia, elas convergem para uma verdade aproximada sobre a vida de Joana.

E aqui chegamos àquela questão que é quando uma obra de ficção falsifica a história. Se levarmos em consideração o parágrafo anterior, está tudo certo. História é história. Ficção é ficção. Uma não se confunde com a outra. Mas há casos e casos. Falamos acima da convergência possível nas obras de Sackville-West e Veríssimo, história e literatura. Há casos em que esta convergência não é tão certa. Uma é quando a ficção usa a história como um ponto de partida, mas não quer ter absolutamente nenhum compromisso com a verossimilhança. É o caso, por exemplo, desta primeira parte da peça Henrique VI, em que quase nada tem a ver com o que aconteceu na história. O autor (ou autores, este é um caso a ser desenvolvido com mais cuidado - 2) simplesmente se utiliza de algumas pessoas que existiram, como o Duque de Bedford, ou Joana d'Arc, ou o rei Carlos VII, e as transforma em personagens de uma obra de ficção, bastante anacrônica, e sem a preocupação de narrar os acontecimentos da Guerra dos Cem Anos (3). Em Henrique VI, a peça mistura drama e comédia para falar mais da Guerra das Duas Rosas, da guerra civil na Inglaterra, da honra, e da luta pelo poder. Quem assista a uma montagem de Henrique VI, ou leia esta peça, já deve ter em mente que muito pouco do que ali está, de fato aconteceu.

Me parece que um problema maior se dá quando a obra parte de uma base histórica, e segue um fundamento histórico no seu desenvolvimento, mas em determinado ponto, o autor, ou diretor, ou roteirista, resolve tomar certas "liberdades poéticas", como são algumas vezes chamadas estas pequenas falsificações. Às vezes isto serve para agradar o leitor, ou espectador, ou ouvinte, como os finais felizes em alguns filmes, ou novelas. Outras vezes, o autor da obra simplesmente não consegue se colocar no lugar daquele personagem histórico que ele está retratando na sua ficção. Por exemplo, no filme Joana d'Arc, de Christian Duguay, a obra tem que se adaptar a uma audiência que assista televisão pouco depois do chamado horário nobre (eu imagino que a mini-série que deu origem ao filme tenha sido exibida por volta de 22 h). Para tanto, tem que se adaptar ao formato de mini-série de TV, e

uma audiência do final do século XX, onde boa parte do mundo publicitário, do cinema e da programação de TV é feita para jovens, que quando estiverem olhando TV talvez não queiram pensar muito sobre a Guerra dos Cem Anos, ou sobre como uma jovem da periferia de um reino, se levanta para lutar por este reino, por uma possível inspiração divina. É mais simples dizer que a jovem idealista, após uma epifania, resolve fugir de casa, e se lançar numa grande aventura. Muito mais simples.

Já em outras, pode acontecer do autor da obra querer fazer algum tipo de proselitismo. Será que não é isto que ocorre com o filme de Luc Besson? É possível que o filme Joana d'Arc, de Luc Besson, seja um manifesto contra a guerra. Quando um dos personagens (La Hire, vivido pelo ator Richard Ridings) diz a Joana que afinal a batalha foi ganha, e que foi um feito glorioso, Joana olha para os mortos e feridos, e pergunta que glória seria aquela, obtida com tanto sangue. Mas há outras sutis "liberdades poéticas", como aquela em que Joana corta seus cabelos para ser aceita como uma igual no conselho de guerra, num certo feminismo "avant la lettre". Um historiador diria que Joana, em seu processo alegava que se vestia como homem, para se proteger das ameaças de estupro, rapto, e mesmo de uma paixão de algum companheiro de armas por ela. E claro, quando o autor mostra que as visões de Joana d'Arc são uma criação fantasiosa da mente dela, isto é um ponto de vista do autor. Mas certamente é uma afronta a milhões de pessoas piedosas, inclusive aquelas que têm Joana como santa protetora da França (que, afinal, foi canonizada em 1920).

A questão de História e Ficção não se esgota aqui. Provavelmente não se esgotará nunca. Este texto é apenas uma pequena reflexão, uma espécie de início de conversa, sobre as relações entre história e ficção. História e ficção podem tanto se ajudar, quanto se atrapalhar mutuamente. Por isso creio que deveria fazer parte de nossas preocupações.

NOTAS:

1) Victoria Sackville-West foi uma escritora e poeta britânica, nascida em 1892, e falecida em 1962. Embora mais conhecida por seus romances e poemas, também escreveu algumas biografias como o livro "The Eagle and the Dove: A Study in Contrasts, St. Theresa of Avila and St. Theresa of Lisieux", M. Joseph (A Águia e a Pomba: um estudo de contrastes, de Santa Teresa de Ávila e Santa Teresa de Lisieux - 1943), ou "St. Joan of Arc" (Santa Joana

d'Arc - 1936). Esta última é a que consta na bibliografia deste trabalho.

3) Harold Bloom comenta que talvez tenha havido co-autoria em Henrique VI, com Marlowe escrevendo em parceria com Shakespeare (Bloom, 2000, pág. 73) .

2) Park Honan oferece uma explicação para a anacronia de Shakespeare. Segundo Honan, quando Shakespeare começou a se dedicar a estudar a história da Inglaterra como fonte de inspiração para suas peças, nem sempre era possível trazer o ambiente descrito nas crônicas dos reis ingleses, e recriá-las totalmente no palco de um teatro, de forma que "adaptações" eram necessárias para produzir os efeitos dramáticos capazes de prender a atenção dos espectadores (Honan, 2001, pág. 179-182).

- **JOANA D'ARC, HISTÓRIA E LENDA**

Joana d'Arc é um caso peculiar na história do ocidente. Pouca coisa pode ser conhecida diretamente dela. Em história, o que se conhece dela está registrado nos seus dois processos, o processo de condenação que por fim levou-a à fogueira, e o processo de reabilitação, que serviu para reabilitar sua memória e sua família, reconhecer definitivamente a autoridade real do rei Carlos VII, e, afinal, sagrá-la santa entre as figuras que merecem ser reverenciadas entre os devotos da fé católica. Havia um terceiro processo, em que ela possivelmente se submeteu a algum sínodo, ou coisa semelhante em Poitiers, a que ela se submeteu logo após se encontrar com o então delfim Carlos na fortaleza de Chinon, mas este processo foi perdido.

Há algumas crônicas contemporâneas a respeito de Joana d'Arc, e, a partir daí tudo que temos são comentários indiretos, e, então comentários sobre comentários, sobrepondo interpretações sobre Joana.

Há algumas coisas relativamente consagradas a respeito de Joana d'Arc, conhecidas a partir dos processos acima citados. Nasceu em Donremy, na região da Lorena, extremo leste da França, próxima à fronteira com o então Sacro Império Romano-Germânico. A Guerra dos Cem Anos era sentida na região. Embora próxima da Borgonha, ou Burgúndia, o senhor local, devotava lealdade ao delfim Carlos. No início de sua adolescência, segundo seu testemunho nos processos, começou a ouvir as vozes que acabaram por inspirá-la a lutar pelo delfim Carlos, e insistir na coroação dele, na cidade de Reims. Sob essa inspiração, saiu de sua aldeia no leste da França, a fim de ir à corte do delfim, hospedada então em Chinon, no centro-oeste do país, pois a capital Paris estava sob ocupação anglo-borgonhesa.

Após sua chegada a Chinon e sua apresentação ao delfim, apressou-se a ser mandada para a cidade de Orléans, cidade fiel ao delfim, mas sob sítio de tropas inglesas. Com o reforço vindo de Chinon, mais a guarnição de soldados da cidade, o sítio inglês de Orléans foi levantado. Em decorrência deste evento, um dos títulos que Joana d'Arc recebeu foi "a Virgem de Orléans". Quando o exército inglês se retirava de Orléans, o exército francês o perseguiu, e destruiu o destacamento inglês na batalha de Patay. E tudo isso aconteceu no decorrer da primavera e verão boreais de 1429.

Após estas vitórias, o delfim foi coroado como rei Carlos VII na catedral de Reims, ainda no verão de 1429. A partir daí o destino de Joana d'Arc sofre uma reversão. Após um ataque frustrado para tentar retomar Paris, Joana é capturada por tropas de borgonheses, às portas de Compiégne, em 1430. Depois é vendida aos ingleses e transferida para a cidade de Rouen, onde sofrerá seu processo, será queimada viva, e suas cinzas são lançadas ao Sena, em 1431.

Uma carreira e tanto em menos de três anos inteiros. Estes fatos são os que, quase com certeza, se passaram com a pessoa Joana d'Arc. Poderíamos dizer que estes são os fatos que compõem a Joana "canônica".

Além dessa, existe a figura histórico-literária. Uma personagem que figura tanto nos livros de história, quanto na literatura. Claude Lafay cita 18 filmes produzidos sobre Joana d'Arc entre 1898 e 1970 (LAFAY, 1985, p. 39). É possível afirmar que o cinema nasce contando a história de Joana d'Arc. A vida de Joana d'Arc é mesmo de encher a imaginação das pessoas mais criativas.

Fizemos um pequeno resumo da vida de Joana acima. Podemos expor mais alguns detalhes para especular o porquê de Joana criar um imaginário em torno de si. Na sociedade de ordens que organizava a vida social na França do século XV, Joana pertencia à classe dos trabalhadores, não era uma nobre, a ordem a quem cabia o encargo da liderança militar numa guerra.. E no entanto, esta camponesa da periferia da França conseguiu ser favorecida pelo rei, e enviada à cidade sitiada de Orléans, como uma espécie de chefe militar. Ou seja, soube, ou conseguiu, superar o tipo de vida à qual a princípio estava destinada a levar. Joana foi uma pessoa que superou seus limites.

Joana foi uma pessoa que realizou seus grandes feitos ainda muito jovem. Ajudou a libertar Orléans com 17 anos, e foi executada com 19. Ou seja, pode inspirar tantos jovens quantos a sucederam. É possível afirmar que sua energia juvenil ajudou a romper um impasse que homens maduros mantinham há meses, isto é, a sua aparição em Orléans livrou a cidade do sítio inglês que durava bastante tempo.

Joana era uma mulher num mundo masculino. Dissemos acima que apenas os nobres

podiam exercer a liderança militar nas guerras medievais. Podemos acrescentar mais, que os HOMENS nobres poderiam ser guerreiros nas guerras medievais. À mulher estava reservado o papel de esposa e mãe, eventualmente freira (estes os "bons" papéis, também poderia ser o caso das mulheres exercerem papéis julgados maus, tais como prostituta ou cortesã, bem como bruxa ou feiticeira). Podia caber a uma mulher nobre liderar uma fortaleza contra um sítio no caso do marido estar ausente (na guerra, ou prisioneiro, por exemplo) ou no caso de ser viúva, mas isso era algo muito específico (Beaune, 2006, p.163) . No livro de Juízes, na Bíblia há o caso de Débora, mulher que foi juíza em Israel, num momento em que o povo de Israel enfrentava guerras. Ela atuou ali, mas não na frente de batalha, e sim como conselheira do comando militar. Joana não foi apenas conselheira ou incentivadora, mas esteve nas frentes de batalha junto com os soldados, mesmo que durante o seu processo de condenação alegue nunca ter matado ninguém. Joana também superou o papel de gênero durante sua vida.

Joana foi uma jovem idealista e íntegra. Quando perguntada durante seu processo de condenação se Deus não gostava dos ingleses, respondeu que ela buscava a justiça. No caso dos ingleses, eles estavam muito longe de sua terra, usurpando o direito dos franceses, é possível concluir. Como idealista, saiu de sua terra para servir ao rei, sem pensar em recompensas. E após se sagrar vitoriosa em Orléans, não buscou títulos ou benefícios para si, embora estes tenham sido outorgados pelo rei à sua família e à sua aldeia natal. Embora tenham atribuído a ela a ressurreição de uma criança, ela não tomou isso como sinal de santidade por parte dela. E também não achava que qualquer objeto que tivesse sido tocado por ela tivesse algum poder mágico, ou curador especial.

Joana, cinco séculos após ser queimada por heresia, entre outras acusações, acabou sendo sagrada santa e digna de veneração por parte dos católicos. Ela se tornou santa e foi considerada mártir, após ser líder guerreira, o que parece paradoxal. Para tornar Joana d'Arc uma mártir, os seus adversários despenderam considerável esforço. Ela foi presa às portas de Compiégne, pelos borguinhões. Os borguinhões deveriam "ser franceses", mas estavam aliados aos ingleses. Poderiam ser chamados de traidores portanto. O próprio ato do fecharem os portões antes que Joana entrasse gera dois tipos de assumpções, uma, que ela estava na retaguarda da tropa francesa que buscava abrigo em Compiégne, protegendo os demais soldados, um ato heróico; dois, havia suspeitas que o portão fechou-se em um ato de traição que deixou Joana à mercê dos borguinhões. Depois, como Jesus aos sacerdotes do templo, ela

foi vendida ao exército inglês. E como Jesus, ela foi submetida a um julgamento viciado, onde não se buscava a justiça, mas uma maneira de legitimar a execução que Joana deveria sofrer. E pelos registros existentes do processo de sua condenação, Joana comportou-se sobriamente durante seu julgamento. Assim, como uma santa e mártir, suas palavras se tornaram mais um testemunho contra seus juízes. Joana foi queimada viva na fogueira. E por sua execução ter sido na fogueira, seu corpo deixou de existir, suas cinzas foram lançadas no rio Sena. Corpo evanescente, corpo resplandescente. Não havendo corpo, demonstração cabal da morte, houve mesmo algumas manifestações de que Joana não morrera. E alguma falsas Joanas ainda se manifestaram no decorrer do século XV. O processo de reabilitação de Joana, feito a pedido de sua mãe, e com a anuência e o interesse do rei Carlos VII, foi o primeiro passo para a consagração de Joana, que mais e mais foi sendo tratada como heroína nacional. O processo de reabilitação teve sucesso em demonstrar que o processo de condenação não foi conduzido de forma correta, e, portanto, não poderia chegar à execução de Joana. Assim, foi reabilitada a memória de Joana e seus feitos legitimados, inclusive o acompanhar Carlos VII a Reims para a coroação. O rei não fora coroado com a ajuda de uma feiticeira e herege. Desde então a memória de Joana foi sendo continuamente cultivada na França, com um pequeno intervalo nos séculos XVII e XVIII, quando o período de Iluminismo, com seu anti-clericalismo também turvou a memória de Joana, por sua associação com a Igreja Católica. É dessa época a sátira de Voltaire com Joana. No século XIX, sua memória retoma a trajetória ascendente na memória da França, sendo um de seus paladinos Jules Michelet, em termos religiosos um agnóstico. Também no século XIX, e pelo início do XX as ligas católicas francesas enaltecem a memória de Joana.

Assim, com os republicanos, agnósticos ou não, a tendo como heroína nacional, e com os católicos franceses tendo Joana como santa, ela acabou sendo santificada pelo Papa Bento XV, em 1920. Na mesma época o governo francês transforma o 24 de junho, festa de Joana, em dia de festa da pátria (Fraisie, 1997, pág. 536).

Ou seja, que figura que pode dar margem à criatividade de todo tipo de artista! Não é à toa que autores tão diferentes como o norte-americano Mark Twain, ou o alemão Schiller, ou o outro alemão (e comunista) Brecht escreveram obras inspiradas em Joana d'Arc, ou nas quais ela é protagonista. Ou que países tão diferentes como a Itália, os Estados Unidos, o Reino Unido, e até a antiga União Soviética tenham produzido filmes inspirados ou baseados

em Joana d'Arc.

Uma figura que desperta a imaginação!

- **SHAKESPEARE E A PEÇA 1 HENRIQUE VI**

O título deste capítulo foi pensado como "Shakespeare, Mestre da Literatura Ocidental", mas certamente Shakespeare vai além disso, sendo realmente um mestre dentre toda a literatura conhecida no mundo. Isto vale tanto para a sua Inglaterra natal, como para o cidadão de Beirute, Mumbai, ou Xangai. O crítico literário Harold Bloom, admirador declarado do bardo inglês, o coloca como um dos pilares da literatura ocidental. Certamente este trabalho não existiria se fossemos querer examinar uma obra satírica, com uma Joana d'Arc "antagonista", se a obra fosse de qualquer outro que não Shakespeare

Henrique VI são na verdade três peças, ou uma peça, dividida em três partes. É o primeiro drama histórico produzido por Shakespeare, e segundo algumas cronologias (Bloom, 2000, p.73; D'Onofrio, 2000, p.305), escrita entre 1589 e 1591, e o drama completo se ocupa da guerra civil na Inglaterra, ou seja, a Guerra das Duas Rosas, conflito civil inglês que se seguiu à Guerra dos Cem Anos. Bloom ainda acrescenta que Shakespeare teria revisado a obra por volta de 1594-1595, aprimorando-a (Bloom, 2000, p.73). Bárbara Heliodora acrescenta que as três partes de Henrique VI formam, junto com a peça Ricardo III, uma tetralogia que abrange a Guerra das Duas Rosas (Heliodora, 1978, p.206).

Com relação à autoria da peça, Harold Bloom acredita em uma possível co-autoria, ou talvez uma influência de outros autores para criação deste primeiro drama histórico de Shakespeare (Bloom, 2000, p.73). Bloom fala em George Peele e Robert Greene, e também em Marlowe. A biografia de Shakespeare, escrita por Park Honan fala da efervescência teatral da Londres Elizabethana (Honan, 2001, p.150-152) e também cita Peele e Greene como autores teatrais, entre outros, e que era comum a troca de idéias e influências mútuas entre os diversos autores teatrais daquela época, bem como o recorrente uso de temas comuns, e adaptações. Como vivemos no Brasil, impossível não lembrar das telenovelas que são exibidas no Brasil desde a década de 1960, nessas constantes adaptações e reutilização de temas. Marlowe seria, talvez, o maior dramaturgo da época elizabethana antes de Shakespeare (Swinburne: Christopher Marlowe).

É de nosso interesse aqui a primeira parte da peça, ou como a chama Heliodora, 1 Henrique VI, pois é a parte em que Joana d'Arc aparece como personagem. O protagonista da

peça é Lord Talbot, personagem provavelmente inspirado em Lord John Talbot, Primeiro Conde de Shrewsbury (John Talbot, 1st Earl of Shrewsbury), que serviu militarmente na Irlanda e na França, e nesta esteve presente no sítio de Orléans, e na Batalha de Patay, onde foi de fato capturado, e permaneceu detido 4 anos. A Joana d'Arc cabe o papel de antagonista, ou seja, o papel de vilã na peça.

Enquanto Talbot é a principal liderança militar inglesa na França, Joana faz o papel de seu antípoda. Talbot se esforça por defender os interesses ingleses na França. Joana consegue unir em torno de si as lideranças francesas que estão vacilantes perante o poderio militar inglês. Estas lideranças são o delfim Carlos, o duque d'Alençon, o Duque d'Anjou, e o bastardo de Orléans. Na peça, é este que apresenta Joana ao delfim.

É uma peça enfocando o início da guerra civil inglesa, a Guerra das Duas Rosas, como já dissemos. E enquanto Talbot se esforça para manter os domínios da Inglaterra na França, a peça foca a nobreza inglesa dividida, logo após a morte do rei Henrique V. Os funerais de Henrique V, por sinal, compõe a primeira cena da peça 1 Henrique VI. E como ressalta Bárbara Heliadora, numa peça que enfoque o início da guerra civil, não é por acaso, que nos dois primeiros atos da peça, o rei esteja ausente, quer por ter morrido repentinamente, como Henrique V, quer por ainda ser um bebê, o caso do futuro Henrique VI (Heliadora, 1978, p.210). A cena 3 do primeiro ato flagrará o Bispo de Winchester e o Duque de Gloucester, lorde protetor do reino inglês, cada um com seus homens, em escaramuças, diante da torre de Londres, em luta aberta por mais poder.

E quando o rei inglês finalmente aparece, no terceiro ato, ainda é um menino, ou talvez um adolescente. Na leitura da peça, o personagem Henrique VI parece dócil e vacilante. Gentil demais para um rei. Também nessa primeira cena do ato três, há discussões fortes entre os nobres, que não respeitam mesmo a presença do rei, com seus conflitos.

Henrique VI não é uma das peças mais montadas de William Shakespeare, e portanto, não é das mais conhecidas. Possivelmente só os iniciados em Shakespeare (aqueles que chegaram a ler algo sobre sua vida e obra) conheçam Henrique VI. Se pensamos em Shakespeare vamos imaginar Romeu e Julieta, Hamlet, Otelo, MacBeth, Rei Lear, ...

- **JOANA E JOANA**

Ou, a Joana d'Arc da história e a Joana d'Arc de Shakespeare, em Henrique VI.

Começamos pela Joana da peça de Shakespeare. A primeira cena da primeira parte da peça Henrique VI, de Shakespeare, que é a parte que estamos interessados, começa com as exéquias do rei morto Henrique V. Os nobres, alguns deles parentes sanguíneos do defunto, lamentam a sorte do rei guerreiro, e a sorte da Inglaterra de ter perdido tal líder. Supostamente estamos em 1422, ano da morte de Henrique V, acontecida em 31 de agosto. Seu filho e herdeiro, Henrique VI, tem meses de idade, pois nasceu em 6 de dezembro de 1421.

Mas neste primeiro drama histórico, Shakespeare não está preocupado com cronologias. Pelo contrário, com relação aos eventos históricos, a peça é totalmente anacrônica. No decorrer da cena, para acentuar o clima de tragédia e decepção, chegam mensageiros informando da perda de diversas cidades francesas que supostamente estiveram em mãos inglesas. Estas cidades são Reims, Orléans, Paris, Gisors, Poitiers, segundo o texto da peça. Tudo isso é bastante curioso. Henrique V, em suas campanhas na França, durante a Guerra dos Cem Anos, conquistou cidades como Rouen e Paris, mas a Inglaterra nunca chegou a dominar Orléans (embora mantivesse um longo sítio sobre esta cidade), nem Poitiers. Paris só voltaria para os franceses alguns anos após a morte de Henrique V.

A própria Joana d'Arc histórica, tinha 9 anos de idade em 1421. Joana pode ser um exemplo de precocidade, por fazer tudo o que fez entre os 17 e os 19 anos, mas certamente não teve nenhum envolvimento ativo em assuntos de guerra aos 9 anos. Suas próprias vozes só lhe apareceram entre 11 e 13 anos.

A primeira aparição de Joana d'Arc na peça de Shakespeare é na cena 2 do primeiro ato. Ela é então apresentada ao delfim Carlos, levada por Dunois, o Bastardo de Orléans, diante da cidade de Orléans. Historicamente, quando Joana conheceu o delfim Carlos, este estava em Chinon, mais a oeste de Orléans. E Joana foi levada à corte de rei em Chinon, por homens do Senhor de Vaucoulers, senhor feudal da aldeia natal de Joana. Na peça, Joana percebe que é Reignier, ou Renato na versão em português, o duque de Anjou que está se fazendo passar pelo delfim. Quando ela reconhece o delfim, este só concede em ter uma conversa particular com Joana, se ela o vencer num duelo de espadas! E Joana vence! Carlos

se convence a torná-la chefe guerreira dele, e ainda cai de paixões por ela. Joana de Shakespeare deve ser muito mais bela e impressionante que a Joana histórica, pois os testemunhos que temos de Joana em seus processos era de uma mulher que se vestia de homem, ia para a frente de batalha junto com estes homens, e não despertava neles desejo. O testemunho dos cavaleiros franceses pode ser fingido, mas a figura de Joana era, ou virilmente imponente a ponto de parecer um homem mesmo, ou angelicamente amorfa, não impressionando pela beleza, ou ainda, talvez, ambas as coisas. A verdade é que Joana chegou ao fim de seu processo de condenação, com confirmação de sua aparente virgindade. Ela já chega ao delfim armada com uma espada que ela havia achado "num montão de ferro velho" (Shakespeare, 1995, p. 379). O efeito humorístico da citação nos parece evidente. Da cena 1 para a cena 2 não há nada que indique mudança de anos. Nem descrições, nem coro, nada. E Joana se refere à recente morte de Henrique V. Conforme dissemos anteriormente, Joana teria cerca de 9 anos quando o rei guerreiro inglês morreu. Uma manifestação evidente da anacronia da peça.

A aparição seguinte de Joana é na cena 5, ainda no primeiro ato. O primeiro confronto entre o protagonista da peça, Talbot, e sua antagonista, Joana. Joana está a frente do exército francês retomando Orléans dos ingleses. Joana prevalece, e lidera o exército francês à retomada de Orléans. Na cena 6, Joana e os chefes militares franceses comemoram a retomada de Orléans. Mas no início do segundo ato, há uma reviravolta, e os ingleses, ajudados pelas forças do Duque de Borgonha retomam a cidade à noite, e põem os franceses a correr, deixando para trás até as roupas. Henrique VI é um drama, mas tem momento de comédia e alívio para o seu público. Retomando a história, a primeira batalha de Joana d'Arc é justamente para levantar o sítio que os ingleses impõem à cidade de Orléans. Depois de delegada pelo rei, ela vai junto com tropas e mantimentos para a cidade, e aí seu carisma se manifesta, pois sua presença é suficiente para restabelecer o ânimo do povo da cidade, e dos soldados franceses que a defendem. Lord Talbot está de fato presente nesta cidade, mas após a destruição ou retomada das pequenas fortalezas que os ingleses mantinham ao redor de Orléans, o comandante inglês é definitivamente derrotado, e se retira com seu exército.

Joana surge novamente na peça, na cena 2 do terceiro ato. Ela lidera os franceses novamente para retomarem à traição a cidade de Rouen. Mas novamente Talbot vira o jogo, e retoma Rouen. Historicamente não há registro que Joana tenha estado batalhando em Rouen.

Será em Rouen que ela sofrerá o processo por heresia e feitiçaria, e será condenada à fogueira, em 1431.

Na cena 3, deste mesmo ato (o terceiro), Joana diz aos seus companheiros de armas, como será possível vencer o intrépido Talbot: é preciso convencer o Duque de Borgonha a trocar de lado. "Então, eis o que é preciso fazer; isto é o que Joana planeja: por meio de belas razões, misturadas com palavras açucaradas, persuadiremos ao Duque de Borgonha a abandonar Talbot e passar para o nosso lado." (Shakespeare, 1995, p.404). O Duque de Borgonha é alcançado a caminho de Paris, para onde este se dirigia para a coroação de Henrique VI, como rei da França. Este ia na retaguarda dos ingleses, que liderados por Talbot, também se dirigiam a Paris para a coroação. As palavras de Joana tem efeito sobre o Duque de Borgonha. Em parte dos diálogos, o delfim Carlos diz a Joana "Fala, Joana, e cativa-o com tuas palavras." (Shakespeare, 1995, p.405). Cativa-o pode soar como torna-o cativo, prisioneiro de tuas palavras. A versão inglesa diz "Speak, Pucelle, and enchant him with thy words" (Shakespeare, 1988, p. 170), que numa versão livre pode ser traduzido como "Fala, Donzela, e encanta-o com tuas palavras". A resposta do Duque é "Ou me enfeitiçou com suas palavras ou é a Natureza que me causa este súbito enternecimento" (Shakespeare, 1995, p.405). Para mim, parece que a intenção de Shakespeare é evidente para sua assistência: cativa-o, encanta-o, enfeitiçado, se trata de um encantamento que hipnotiza o Duque de Borgonha e o convence a passar para o lado do delfim. é possível ainda lembrar que a palavra inglesa "spell", pode ser usada tanto para soletrar um palavra, como para dizer um encantamento, ou uma invocação de algum ente sobrenatural. Joana, a "feiticeira dos Armagnac" seduz o Duque com suas "palavras açucaradas". Historicamente este encontro que narra Shakespeare, de Joana e Borgonha, no caminho de Rouen para Paris provavelmente nunca aconteceu. Mas Henrique VI de fato chegou a ser coroado rei da França, em Paris, em 16 de dezembro de 1431 (Henry VI of England. The Classic Encyclopedia). Após a morte de Joana d'Arc, portanto.

O próximo momento de Joana será na cena 4 do quarto ato. O local será Bordeaux, ou Bordéus, a cidade e região famosa por seus vinhos. Nesta cena ocorrerão os derradeiros momentos de Talbot, líder de um exército em franca desvantagem numérica. Joana e os franceses triunfam, Talbot perece em batalha, juntamente com seu filho, os qual não via há sete anos. A cena de Talbot com o filho morto nos braços, e prestes ele também, Talbot, a

morrer é de grande efeito dramático. Para o desenvolvimento da peça, Talbot é derrotado porque as tropas que Henrique VI enviou em seu socorro, lideradas por dois nobres diferentes, um de cada facção, das duas casas que ambicionam o cetro inglês, ficam vigiando uma à outra antes que possam combater os franceses. É apenas com a morte de Talbot, muito lamentada pelos nobres ingleses, e comemorada pelos franceses, é que as tropas inglesas se reúnem novamente para combater as tropas do delfim. Bordeaux, no extremo oeste da França, quase na costa do Oceano Atlântico, nunca foi palco de alguma luta entre Joana e Talbot. E historicamente, Talbot foi preso em Patay, ficou detido 4 anos em solo francês, e depois foi libertado. Teve um filho para sucedê-lo como Conde de Shrewsbury.

Após Bordeaux, com a reunião das tropas inglesas, os franceses se vêm em desvantagem e fogem. Na cena 2, do quarto ato, os franceses se dispersam, e deixam Joana sozinha. Na cena seguinte, ela vem a manifestar toda a sua maldade, invocando demônios em uma derradeira tentativa de sobrepujar os ingleses. Os demônios se manifestam, mas não atendem aos anseios de Joana. Ela é então presa pelo Duque de York. E aqui também podemos lembrar que quem prendeu Joana de fato foram tropas da Borgonha, que posteriormente entregaram a prisioneira notável aos ingleses, mediante recompensa financeira.

A derradeira aparição de Joana é na cena 4. Presa, diante dos nobres ingleses York e Warwick, Joana pragueja. Um pastor aparece afirmando ser seu pai, o qual ela renega. Clama que é de nobre linhagem, não filha de um pastor aldeão. O pastor a renega também e a amaldiçoa, dizendo que fazem bem os nobres em levá-la à fogueira. E, por fim, revela estar grávida. Primeiro afirma que o pai é Carlos, o qual os nobres dizem que com mais gosto devem queimá-la, pois traria em suas entranhas um herdeiro / bastardo do postulante ao trono francês. Como não consegue se livrar afirmando a paternidade do delfim, afirma que o verdadeiro pai da criança que traria no ventre é D'Alençon. Também não adianta. Tenta o Duque D'Anjou, ao que replicam os ingleses que como poderia o duque ser o pai, se ele era um homem casado? A "virgem" se mostra afinal, uma "mulher fácil". Nada adianta. Joana não escapará da fogueira. Com relação à Joana d'Arc histórica, na peça não há o longo e penoso processo de condenação. O processo de condenação de Joana pelos nobres ingleses é sumário.

Mortos os personagens principais, Talbot e Joana, a peça se encaminha para o final, mas

não sem antes haver mais demonstração das sementes de sedição que florescerão nas partes seguintes de Henrique VI e em Ricardo III. O rei Henrique confia num tratado de paz que torna Carlos regente da França, a qual por fim Henrique perderá. O bispo de Winchester, por meio de suborno, se torna Cardeal, para exercer ainda mais influência sobre o ainda jovem rei. O Conde de Suffolk arranja uma noiva, filha do Duque de Anjou, para o rei, pela qual ele, Suffolk, um homem casado, está apaixonado. Com isso, Suffolk pretende, além de poder cortejar a futura rainha, planeja ainda, por meio dela, manipular o rei. Como diz Bárbara Heliodora, em círculos concêntricos, a Guerra vai fazendo com que a Inglaterra se perca (Heliodora, 1978, pág. 205-206) . Em 1 Henrique VI, a Inglaterra começa a perder seus territórios na França.

- **CONCLUSÃO**

Joana d'Arc na peça de Shakespeare é a inimiga de Lord Talbot, o nobre inglês que luta por seu rei na França, enquanto os outros nobres ingleses se enredam em intrigas políticas, com sede de poder na ilha britânica. A Joana d'Arc histórica foi uma jovem que, com uma inspiração interior, atravessou quase todo o território da França, para levar ao seu rei esperança de dias melhores na guerra que ele travava com os ingleses. Esta, ainda, foi consagrada uma santa católica e heroína nacional francesa. Aquela enriquece, e muito, um dos primeiros dramas históricos de Shakespeare, onde ela é a antagonista, a protagonista do mal. Bem interpretada, nos palcos do século XVI e seguintes, deve ter inspirado raiva e gargalhadas em muitas platéias, quando das montagens da peça 1 Henrique VI.

Joana foi uma pessoa marcante, e é uma personagem marcante de nosso imaginário ocidental. Shakespeare se vale desta personagem forte, que combateu os exércitos ingleses, e que foi contemporânea de fato do rei Henrique VI para criar uma personagem má, que desafiasse, e afinal fosse responsável pela morte do herói principal da peça, antes dela mesma ser executada.

Se para nós que vivemos no início do século XXI, Joana d'Arc é alguém geradora de inúmeras biografias, adaptações, e inspirações, possivelmente na época de Shakespeare, cerca de 150 anos depois do cerco de Orléans, e da batalha de Patay, Joana ainda fosse uma lembrança forte, e um personagem alvo do rancor inglês. Porém, Harold Bloom vê Joana como um personagem complexo, uma das autênticas criações humanas de Shakespeare, uma personagem fascinante, enquanto o mesmo Bloom vê Lord Talbot como um medíocre, apesar de herói de guerras e guerreiro, cujo nome assombra os franceses (Bloom, 2000, pág. 76).

Paula Flores, citando Victor Kiernan, afirma que o teatro de Shakespeare tinha um grande poder didático sobre a sua assistência. Como ela diz, as peças de Shakespeare "eram um veículo, transportavam idéias e sentimentos". Elas seriam parte do aparato do Estado Inglês para legitimá-lo (KIERNAN, Victor. Shakespeare: Poeta e cidadão. Apud: FLORES, 2007, pág. 13). Assim Shakespeare ataca um símbolo nacional francês. Ou como diz Flores, "desconstrói o mito nacional francês".

Já comentamos aqui sobre como Park Honan informa que para manter a atenção de

suas platéias, Shakespeare teve que comprimir, esvaziar ou ressaltar certos fatos a respeito da história da Inglaterra para aumentar o efeito dramático de suas peças (ver a nota 3, do capítulo 1 deste trabalho).

Mas o mesmo Honan comenta que os tempos em que Shakespeare viveu podem ter contribuído para mostrar Joana por um prisma patriótico, reafirmando assim a tese Flores/Kiernan citada acima. Shakespeare escreveu Henrique VI no final do século XVI. Nesta época, o rei espanhol Felipe lançou sua "Invencível Armada" para atacar a Inglaterra, e se tivesse sucesso, destronar a rainha Elizabeth, e restabelecer o catolicismo romano no sul da ilha. Honan também comenta de um sítio inglês a Rouen em 1591-1592 (Honan, 2001, pág. 182-183).

Este texto é a conclusão da monografia, mas não é o final do assunto. Apenas um início para possíveis retomadas.

● **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BEAUNE, Colette. Joana d'Arc, Uma Biografia. São Paulo: Globo, 2006.

BLOOM, Harold. Shakespeare: A Invenção do Humano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura Ocidental, Autores e Obras Fundamentais. São Paulo: Ática, 2000.

FALCON, Francisco. História Cultural, Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FAVIER, Jean. De Marco Polo a Cristóvão Colombo. Lisboa: Dom Quixote, 1980.

FERRIER-CAVERIVIÉRE, Nicole. Figuras históricas e figuras míticas. In: BRUNEL, Pierre. Dicionário de Mitos Literários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

FERRO, Marc. O conhecimento histórico, os filmes, as mídias. Traduzido por Gabriel Lopes Pontes, revisado por Jorge Nóvoa. Revista Eletrônica, Disponível em: O Olho da História. <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/artigos/sobremidiasconhecimento.pdf>> Acesso em 20/12/2006.

FLORES, Paula dos Santos. Joana d'Arc por William Shakespeare: Desconstruindo o Mito Nacional Francês. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Monografia, Faculdade de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

FRAISSE, Simone. Joana d'Arc. In: BRUNEL, Pierre. Dicionário de Mitos Literários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

FRYE, Northrop. Northrop Frye On Shakespeare. Markham: Fitzhenry & Whiteside, 1986.

GORDON, Mary. Joana d'Arc. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

HELIODORA, Bárbara. A Expressão Dramática do Homem Político em Shakespeare. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Henry V Of England. Classic Encyclopedia, Disponível em: <http://www.1911encyclopedia.org/Henry_V_Of_England> Acesso em 16/11/2008.

Henry VI Of England. Classic Encyclopedia, Disponível em: <http://www.1911encyclopedia.org/Henry_VI_Of_England> Acesso em 16/11/2008.

HONAN, Park. Shakespeare, Uma Vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

John Talbot, 1st earl of Shrewsbury. Classic Encyclopedia, Disponível em: <http://www.1911encyclopedia.org/John_Talbot,_1st_earl_of_Shrewsbury> Acesso em 23/10/2008.

LAFAY, Claude. Jeanne Fugitive. In: BRETÈQUE, Francois de la. Le Moyen Age au Cinema. No. 42/43, 1985, pág. 38-39.

LIMA, Luiz Costa. História – Ficção – Literatura. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

PINTO, Luciana. O Historiador e Sua Relação com o Cinema. Revista Eletrônica O Olho da História. Disponível em:

<<http://www.oohodahistoria.ufba.br/artigos/historiadoreocinema.pdf> > Acesso em 20/12/2006.

PINTO, Júlio Pimentel. De história e de ficção. História Viva. Disponível em:

<http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/de_historia_e_de_ficcao.html> Acesso em 18/04/2007.

SACKVILLE-WEST, Victoria. Santa Joana d'Arc. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SELLIER, Philippe. Heroísmo (o modelo da imaginação). In: BRUNEL, Pierre. Dicionário de Mitos Literários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, pág. 467-473.

SHAKESPEARE, William. Obra Completa – Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SHAKESPEARE, William. The Complete Works. Oxford: Oxford University Press, 1988.

SWINBURNE, Algernon Charles. Christopher Marlowe (1564-1593) . Luminarium, Anthology of English Literature. <<http://www.luminarium.org/renlit/marlowebio.htm>> acesso em 16/11/2008.

VERÍSSIMO, Érico. A Vida de Joana d'Arc. Porto Alegre: Globo, 1978.

- **FILMOGRAFIA**

JOANA d'Arc (Joan of Arc). Direção: Victor Fleming. Roteiro: Maxwell Anderson. Intérpretes: Ingrid Bergmann, José Ferrer, Francis L. Sullivan, e outros. Sierra Pictures; 1948. 1 filme (145 min.), sonoro, colorido, DVD.

JOANA d'Arc - de Luc Besson (The Messenger - The Story of Joan of Arc). Direção: Luc Besson. Roteiro: Luc Besson e Andrew Birkin. Intérpretes: Milla Jovovich, John Malkovich, Faye Dunaway, Dustin Hoffmann, e outros. Europa Corp. / Sony; 1999. 1 filme (148 min.), sonoro, colorido, DVD.

O PROCESSO de Joana d'Arc (Procés de Jeanne d'Arc). Direção: Robert Bresson. Roteiro: Robert Bresson. Intérpretes: Florence Delay, Jean-Claude Fourneau, outros. Versátil; 1962. 1 filme (65 min.), sonoro, preto e branco, DVD.

JOANA d'Arc (Joan of Arc). Direção: Christian Duguay. Roteiro: Michael Alexander Miller e Ronald Parker. Intérpretes: Leslee Sobieski, Neil Patrick Harris, Peter Strauss, Peter O'Toole, e outros. Alliance Atlantis; 1999. 1 filme (139 min.), sonoro, colorido, DVD.

A PAIXÃO de Joana d'Arc (La Passion de Jeanne d'Arc). Direção: Carl Theodor Dreyer. Roteiro: Joseph Delteil e Carl Dreyer. Intérpretes: Maria Falconetti, Eugene Silvain, e outros. Societé Generale des Films; 1928. 1 filme (82/88 min.), sem som, preto e branco, fita VHS.